



A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco

The formation of consciousness in a christian “bubble subjects” culture.

A propositive ethical-theological analysis from Pope Francis’ social moral

*André Luiz Boccato de Almeida**

PUC-SP

*Lúcia Eliza Ferreira***

PUC-SP

*Aloisio Melo****

PUC-SP

Recebido em: 23/02/2021. Aceito em: 15/03/2021.

* Doutor em Teologia Moral (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 2016). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2010). Graduado em Teologia (Escola Dominicana de Teologia, EDT, São Paulo, 2008). Graduação em Ciências Sociais/Filosofia (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru, FAFICA, Caruaru, PE, 2004).

E-mail: a.l.boccato@gmail.com

** Mestranda em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo). Graduada em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2018).

E-mail: lucia.elizazile@gmail.com

*** Graduando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo). Graduado em Filosofia (Centro Universitário Assunção, UNIFAI, São Paulo, 2017).

E-mail: aloisio.sousa95@yahoo.com.br



Resumo: *O presente artigo tratará acerca do tema da consciência do cristão no contexto conhecido de novos “sujeitos bolhas” e os impactos na moral social. Deste tema geral, pretender-se-á analisar o impacto, os desafios e reflexões no horizonte da vida cristã. No atual contexto cultural e civilizacional muitos desafios se impõem à consciência cristã. Desde questões de teor político, econômico, até o da manipulação e instrumentalização de notícias e informações que podem ‘deformar’ a pessoa e a sua dignidade. Encontramo-nos hoje numa passagem de perspectiva de convivência social onde se insiste mais na realização humana a partir do critério narcísico e da própria verdade, em detrimento da longa tradição que insistia no cultivo da fraternidade, da solidariedade e amizade social. Aparece, portanto, essa nova denominação de “sujeitos bolhas” a ser mais bem considerado. Pretende-se problematizar e analisar, nesse artigo, essa delicada realidade a partir de três momentos. No primeiro, apresentar essa terminologia de “sujeitos bolhas” e suas características; num segundo, a teologia da consciência com suas grandes balizas; no terceiro, problematizar propriamente o tema da formação e contribuições da moral social de inspiração cristã, à luz do magistério do Papa Francisco. Assim, o artigo visa lançar luzes propositivas para a questão que é fundamental na existência e desafios cristãos.*

Palavras-chave: *Consciência. Sujeitos bolhas. Formação. Moral social.*

Abstract: *This article will deal with the theme of the Christian’s conscience in the known context of new “bubble subjects” and the impacts on social morality. From this general theme, we intend to analyze the impact, challenges and reflections on the horizon of Christian life. In the current cultural and civilizational context, many challenges are imposed on the Christian conscience. From political and economic issues, to the manipulation and instrumentalization of news and information that can ‘deform’ the person and his dignity. We find ourselves today in a passage from the perspective of social coexistence where human insistence is more insisted on from the narcissistic criterion and from the truth itself, to the detriment of the long tradition that insisted on the cultivation of fraternity, solidarity and social friendship. Therefore, this new name of “bubble subjects” appears to be better considered. In this article, we intend to problematize and analyze this delicate reality from three moments. In the first, present this terminology of “bubble subjects” and their characteristics; in a second, the theology of conscience with its great goals; in the third, to problematize properly the theme of formation and contributions of social morals of Christian inspiration, in the light of Pope Francis’ magisterium. Thus, the article aims to shed purposeful lights on the issue that is fundamental to Christian existence and challenges.*

Keywords: *Conscience. Bubble subjects. Formation. Social morality.*

Introdução

A moral social de inspiração cristã, em linhas gerais, procurou sempre orientar os cristãos de todas as épocas, na busca pelo bom convívio de questões relacionadas à complexa vida social, marcada por conflitos e ideias contrastantes que se impregna no tecido político-social



em contextos distintos. Desde os primórdios do cristianismo, a caridade, a amizade, a fraternidade e a justiça, constituíam nos valores constantemente indicados pelos pastores das comunidades que apregoavam a necessidade de fortalecer a boa convivência.

O tema da consciência e a sua formação, embora seja uma questão mais recente no ensino do magistério eclesial devido a motivos históricos e culturais complexos, não deixa de ocupar uma importância diante da intransponível tarefa de dialogar com as pluralidades, própria do mundo contemporâneo. Esta necessidade dá-se pelo lugar que o sujeito ocupa na convivência social, mas também pela busca de diálogo e a visão de responsabilidade no tecido social. Atualmente, os sujeitos se impuseram como protagonistas dessa árdua construção. Há “sujeitos bolhas”, ou seja, pessoas que onde estiverem, a partir dos próprios referenciais, mesmo às vezes radicalizados e narcisicamente radicalizados, constroem uma narrativa e interpretações que manifestam uma subjetividade influente.

Pretende-se, nesta reflexão, analisar esse fenômeno dos “sujeitos bolhas”, dentro da esfera cristã, associando com a formação da consciência e de sua formação no horizonte da moral social. Para isso, seguir-se-á um tríplice itinerário: num primeiro momento, apresentar essa terminologia de “sujeitos bolhas” e suas características; num segundo, a teologia da consciência com suas grandes balizas; enfim, no terceiro, problematizar propriamente o tema da formação e contribuições da moral social de inspiração cristã à luz do magistério do Papa Francisco. Assim, o artigo visa lançar luzes propositivas para a questão que é fundamental na existência e desafios cristãos.

1 Nova cultura dos “sujeitos bolhas”: perspectivas e desafios

Cada cultura é expressão das indagações e ambiguidades do seu tempo e manifesta a experiência de busca do sentido, próprio do humano. Essa realização, a partir do seu vínculo consigo e com o meio onde vive, explicita a verdade profunda que cada um carrega em sua existência. Deste modo, quando se fala em “sujeitos bolhas”, deseja-se tratar sobre uma nova tendência presente no mundo atual marcado por uma mudança de época em que os sujeitos, não apenas decidem por si próprios, mas também reelaboram suas vidas a partir de critérios dissociados da sociedade.



A ocorrência das bolhas, contextualizado ao surgimento dos ambientes digitais e com a abrangência dos recentes fenômenos das *fake news* e da pós-verdade, possibilitaram o surgimento de ideias e percepções de mundo e sujeito equivocadas e tanto quanto perigosas no que diz respeito à saúde do comum, pois se direcionam na contramão da promoção da educação do pensar ético e crítico¹. Na dita “era das *fake news*” e “era da pós-verdade”, as bolhas são reafirmadas pelos fatos moldados, a fim de proporcionar regimes autoritários em um cenário de constante incerteza e relativização, onde a pessoa legítima versões mentirosas da realidade, – permitindo ser enganadas ao abrir mão da vivência da verdade.

Esse trajeto defensor de ideias, do eu e da “minha verdade”, inflama formas extremas de restrição ao outro, enfraquecendo os alicerces da sociabilidade humana ao intensificar a cultura da indiferença, do consumo de si e do outro, assegurando o não envolvimento, mas a segurança do isolamento. Nesse sentido, a sociedade é construída por sujeitos que flertam com o solitário na dimensão do autoculto (acreditar incondicionalmente em si mesmo) perdendo a dimensão da sensibilidade. As mídias e os fenômenos delas surgidos, promovem,

indivíduos insensíveis, cuja natureza e atenção sociais só são despertados por estímulos sensoriais e destrutivos. A estimulação torna-se um método e uma forma de autorrealização [...] O conceito de “insensibilidade moral” para denotar um tipo de comportamento empedernido, desumano e implacável, ou apenas uma postura imperturbável e indiferente, assumida e manifestada em relação aos problemas e atribuições de outras pessoas, o tipo de postura exemplificado pelo o gesto de Pôncio Pilatos ao “lavar as mãos”².

No exercício da identificação dos “sujeitos bolhas”, é evidente sua patente de indivíduo fechado em suas próprias convicções e verdade absolutas, distanciado do outro e das dimensões e valores do senso comum. No sentido de descrever melhor o percurso sobre esse conceito, encontra-se nos estudos da jornalista Pollyana Ferrari o desenvolvimento dessa concepção ao longo dos recentes anos de existência e promoção digital. No primeiro momento, a dimensão “bolha” era entendida como “espaço de negociação diante da permeabilidade das bordas dos espaços

¹ Cf. ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Moral Social*. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 43.

² BAUMAN, Z. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 49.



informativos”³. Referia-se a espaços temporários e bem definidos que serviam para juntar todas as interfaces, interagir formatos e concordâncias gerenciadoras de dados pessoais, de grupos e públicos.

Nesse aspecto, a bolha “era uma atividade baseada em privacidade, personalização, prioridade, localização, ambiente, circunstâncias e tempo [...] espaços de proteção contra a invasão da vigilância”⁴. Para ela, nesse primeiro momento, as pessoas dentro dessa “bolha” encontravam-se seguras porque tinham o poder de decidir o fluxo e o conteúdo compartilhado, as informações requeridas e criadas. De certo modo, essas bolhas fomentavam um espaço de proteção e controle da privacidade.

Com a ascensão das redes sociais, ocorreu a alteração do que se pensava por “bolhas”. Nesse novo período, do advento e crescimento do uso das plataformas de socialização digital, em companhia da dimensão algorítmica na observação de perfis dos usuários, os indivíduos se tornaram presos às bolhas midiáticas, estas nutridas por compartilhamentos daqueles que possuem diretrizes similares e que orquestram as tendências, significando que ter “as mesmas crenças, enxergar o mundo do mesmo modo, sentir a vida da mesma maneira e agir de acordo com o princípio-guia das crenças acalentadas”⁵ funda-se um “gueto” virtual formulado na infestação e conquista da rede pela retórica polarizada.

O que outrora era instrumento de preservação da intimidade do usuário digital, no cenário atual, a bolha utiliza da vida íntima (subjetividade), onde é comprometida, manipulável e colonizada, a termo retroalimentar valores particulares no espaço público. Então,

As bolhas disponibilizam com eficácia conteúdos para criar um ambiente de familiaridade ao usuário, ambientes esses que são articulados por algoritmos em constante evolução e aprendizagem [...] A existência de bolhas de afinidades, o contágio emocional pode gerar um espiral de crescimento de emoções duradouras. As bolhas são salas de espelho onde somos convidados a confirmar casa vez mais nossas próprias convicções gerando, como vimos, uma superconfiança que tem desdobramentos na relação com a diversidade⁶.

³ FERRARI, Pollyana. *Como sair das bolhas*. São Paulo: EDUC, 2019. p. 18.

⁴ FERRARI, 2019, p. 18-19.

⁵ FERRARI, 2019, p. 21.

⁶ CAPPI, J. *Internet, Big Data e discurso de ódio: reflexões sobre as dinâmicas de interação no Twitter e os novos ambientes de debate político*, 2017. p. 32-34. Dissertação



Em consequência a estas movimentadas “interações” dos sujeitos por bolhas ideológicas, como que a soldados da verdade, as pessoas, em massa, ocupam as redes, fechadas em suas convicções e inflamadas pelo não cuidado com a verdade dos fatos em si. E, pela própria interpretação à luz dos seus valores, o que favorece um contexto de alta polarização, afinada com propagandas ideológicas. Essa fragmentação de ideais constitui a insensibilidade moral e o descrédito à valores comuns, que personificados nas estruturas de controle e contextualizados na atmosfera narcisista que envolve o sujeito no momento atual, resulta no que Bauman indica por estratégias sedativas⁷.

Essa leitura indica, de certo modo, a existência de um anesesiamento da consciência acerca do comum. Considera o empoderamento do sujeito enquanto um “instituidor” soberano de juízos morais nas relações. De modo geral, essa percepção, conduz a um modo de racionalização da vida, resultando numa lenta degeneração do sentido do outro (alteridade), podendo conduzir a um *modus vivendi* em que se nega ao contraditório a possibilidade de ter voz no tecido social⁸. No contexto social midiático, a aplicabilidade dessas maneiras de matar ou permitir o morrer é vigente pela funcionalidade de fomentar técnicas que eliminem ou instruem a minimizar “erros”, reforçar “verdades” para afirmar uma única visão da vida.

Nessa perspectiva, por novas e inovadoras técnicas de poder ou surgimento de tecnologias de exercício do mesmo, vê-se caracterizado a digitalização de existências orientadas pelos interesses em algorítmicos, gerador de comportamentos fabricados e gerenciados. A consciência dos sujeitos, nesse contexto, sobrevive no novo tribunal ético das redes digitais, em que,

a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é [...] cujo projeto central não é a luta pela

(Doutorado em Comunicação e Semiótica). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20644>. Acesso em: 8 fev. 2021.

⁷ Cf. BAUMAN, 2014, p. 76.

⁸ Cf. ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Da indiferença narcisista à consciência social: repondo a alteridade de base cristã numa era globalizada. In: MILLEN, Maria I. C.; ZACHARIAS, Ronaldo. *Ética teológica e direitos humanos*. Aparecida: Santuário, 2018. p. 62.



*autonomia, mas a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações*⁹.

A atuação desse exercício direcionado à morte de alguns, se dá nas “bolhas de felicidade”¹⁰, instituídas como campo de satisfação pessoal, elemento preponderante de convencimento, instrumento de correção sem prévio limites e meio de batalhar por aquilo que lhe é inegociável. Esses aspectos característicos dos “sujeitos bolhas”, fechados em si e ávidos por visibilidade, representam certa escassez de consciência, tanto no aspecto de si como no comum, configurando a incapacidade do questionamento crítico sobre si e seu contexto, onde “a reflexão é uma crítica [...] é a apropriação de nosso esforço por existir e de nosso desejo de ser, através das obras que testemunham esse esforço e esse desejo”¹¹, ou seja, privando da possibilidade de pensar, se arrisca bens morais e políticos.

Portanto, a nova cultura dos “sujeitos bolhas” coloca-se como um desafio à vida cristã no que tange à busca de decisões conduzidas por referências eclesiais. Dissemina-se novos “sujeitos bolhas cristãos”, caracterizados como novos leitores e intérpretes da tradição cristã. Coloca-se o desafio e a oportunidade de retornar à uma teologia da consciência em que a pessoa é chamada a decidir, mas à luz de referências fundamentais da moral social. Convém, a partir dessa constatação, não só denunciar esta nova forma de conduzir a existência, mas que também propicia um caminho de proposta formativa em que se respeite a pessoa e leve em consideração a longa tradição eclesial acerca do que significa a consciência.

2 A teologia da consciência cristã e a moral social

O modo de viver cristão é devedor de uma longa tradição de leitura e interpretação do que foi transmitido oralmente e posteriormente redigido em contextos próprios. A tida ‘moral cristã’, deste modo, carrega uma longa tradição que se fundamenta na leitura e releitura de textos bíblicos, sobretudo do Novo Testamento, capazes de indicar os valores

⁹ MBEMBE, A. *Necropolítica*. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 41.

¹⁰ FERRARI, 2019, p. 163.

¹¹ RICOEUR, P. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1978. p. 19.



essenciais e necessários para se vivenciar o que foi transmitido como fundamento do modo de ser de Jesus Cristo.

Na teologia da consciência, encontram-se as convicções para a pessoa viver, à luz do Evangelho o seu chamado de produzir frutos de caridade no mundo¹², alegrando-se antes os cristãos por poderem exercer todas as suas atividades terrenas unindo numa síntese vital todos os seus esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos com os valores religiosos, sob os quais tudo se ordena para a glória de Deus¹³. Em meio aos desafios contemporâneos, a falta de transparência no agir moral, faz emergir a necessidade de resgatar o tema da consciência, como caminho de renovação e retomada dos valores, frente à nova cultura dos “sujeitos bolhas” cristãos.

Do ponto de vista bíblico, o ponto de partida de uma teologia da consciência cristã se dá na abordagem paulina, onde se trata a conceituação dela dentro da cultura helenística, contexto da redação neotestamentária. Pode-se afirmar que é Paulo quem inaugura uma reflexão bíblica da consciência¹⁴, enquanto referência última da decisão da pessoa em detrimento dos seus conflitos externos. A frequência do termo consciência (*syneidesis*) pode ser analisado do seguinte modo: aparece oito vezes em 1 Coríntios¹⁵; três vezes em 2 Coríntios¹⁶; três vezes em Romanos¹⁷; cinco vezes em Hebreus¹⁸.

Para ele, a consciência está associada à vida no Espírito, ou seja, a libertação operada pela pregação da Palavra, geradora da graça¹⁹ e capaz de operar uma transformação profunda no interior da pessoa e no seu

¹² Cf. OPTATAM TOTIUS. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001. n. 16.

¹³ Cf. GAUDIUM ET SPES. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001. n. 43.

¹⁴ Cf. ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Consciência moral e pós-modernidade: discernir, decidir e agir à luz de uma ética das virtudes*. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 79. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18391/1/Andre%20Luiz%20Boccato%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

¹⁵ 8,7.10.12; 10,25.27.28.29.

¹⁶ 1,12; 4,2; 5,11.

¹⁷ 2,14-15; 9,1; 13,5.

¹⁸ 9,9-14; 10,2.22; 13,18.

¹⁹ 2Cor 3,17.



modo de viver. Em Paulo, a *syneidesis*, fruto da vida nova em Cristo²⁰, dá-se na consciência, referência ética das decisões e tribunal onde a pessoa deve decidir por qual critério se direciona²¹. Em seu tempo já existia uma certa dificuldade em lidar com a questão da instância última a ser seguida enquanto referência do agir. A decisão a ser tomada se daria pela orientação estabelecida pelos códigos da lei judaica ou pela liberdade própria dos filhos de Deus? Essa era uma questão central no contexto paulino, e, de certo modo, ocupa a preocupação dos moralistas atuais.

Dentro do horizonte de sentido sócio-político-religioso atual, no qual os “sujeitos bolhas” cristãos são chamados a decidir em consciência, a questão torna-se mais complexa diante da nova configuração em que a cultura é eminentemente centrada no indivíduo e em sua capacidade de decidir à luz dos próprios valores interiorizados. Se no contexto paulino, a consciência era caracterizada como um tribunal de decisão, do amor e da escuta da voz salvadora de Deus²², a cultura atual, onde impera de forma rápida a veiculação de informações, é necessário reeducar a capacidade reflexiva e de retorno ao fundamento, sem perder a referência única da pessoa²³ e da sua experiência de fé.

A consciência, no contexto cristão, aparece como acontecimento central da interioridade. Nela atinge-se a pessoa inteira através de uma nova relação com Deus, capaz de proporcionar um reordenamento dos valores éticos. Toda a tradição patrística, desde Orígenes, passando por Ambrósio, Agostinho, até João Crisóstomo, o tema da consciência enquanto busca de um discernimento espiritual²⁴, foi uma constante e necessária afirmação dos cristãos no contexto posterior aos textos bíblicos.

Em linhas gerais, pode-se dizer que para os Padres da Igreja, o tema da consciência e da liberdade se funda sobre a fé de que Jesus Cristo, por sua encarnação, morte e ressurreição, assim como libertou o homem do pecado, assim o libertou de todo poder absoluto e, por isto mesmo, idolátrico; ela encontra seu ponto forte na distinção, já indicada

²⁰ Rm 13,14.

²¹ Cf. VERDES, L. A. Moral do indicativo em Paulo. In: VIDAL, Marciano (org.). *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. n. 80.

²² Cf. WENDLAND, H.-D. *Ethique du Nouveau Testament*. Introduction aux problèmes. Genève: Labor et Fides, 1972. p. 73.

²³ Cf. FERRARI, 2019, p. 58.

²⁴ Cf. VALSECCHI, A. Consciência. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 141.



por Cristo (Mt 22,15s.), entre a esfera política e a esfera religiosa; enfim, ela se expressa no testemunho dado pelos mártires e pelos confessores, referidos por muitos documentos anônimos, junto com exortações ao martírio, biografias, cartas antigas, etc²⁵.

No processo de desdobramento e aprofundamento da consciência, ao se revisitar a tradição doutrinal, nota-se que Santo Tomás falava da importância do *habitus*, que faz o sujeito decidir pelas coisas boas ou ruins. Sendo as virtudes teológicas, o elemento essencial da ética evangélica, as virtudes da fé, esperança e caridade são os dons manifestos que levam o ser humano a acolher uma ética como exigência e como gratuidade²⁶. Dentro desta ética, a consciência passa a ser formada e se torna cada vez mais capacitada, para realizar o discernimento nas tomadas de decisões. Em Santo Tomás, o tema da consciência, é caracterizado como o enraizamento racional da pessoa no seu agir.

Para ele, a pessoa possui uma origem sobrenatural e nessa sua realidade teologal é que o sujeito é chamado a viver de forma harmônica e autêntica. Deste modo, a consciência, para Santo Tomás exprime duas acepções próprias. Uma de natureza psicológica, onde se se conhece e se compreende. Outra, de natureza moral, na qual é chamado a agir segundo a bondade e fim dos seus atos, referência última da sua relação com Deus e com o mundo onde é chamado a se realizar²⁷.

A consciência assume uma centralidade na comunidade cristã, devido seu embasamento bíblico, que determina a ação do sujeito que está disposto a seguir os princípios da fé cristã. Santo Afonso de Ligório é outra referência acerca do tema da consciência. Dentro do seu contexto, apresenta uma perspectiva moral em que se opõem a todo tipo de ação autoritária em direção a consciência, diante dos sistemas morais do seu tempo. Seu objetivo é conseguir apresentar um modelo moral que respeite as exigências do Evangelho, e ao mesmo tempo os direitos da pessoa²⁸.

²⁵ Cf. SINISCALCO, P. Consciência (liberdade de). In: BERARDINO, Angelo di (org.). *Dicionário Patrístico e de Antiquidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 325.

²⁶ Cf. JOSAPHAT, Carlos. *Paradigmas teológicos de Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 453.

²⁷ Cf. MONDIN, B. Coscienza (morale). In: MONDIN, B. *Dizionario Enciclopedico del pensiero di San Tommaso D'Aquino*. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 1991. p. 145.

²⁸ Cf. ARAÚJO, José William Corrêa de. *A noção de consciência em Bernhard Häring e sua contribuição a atual crise de valores*. Orientador Nilo Agostini. 2007. 365 f. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação, Teologia da Pontifícia



O grande desafio para uma moral social, no contexto da consciência à luz de Santo Afonso, é o de fazer com que a recepção da norma objetiva por parte da pessoa, fiel ou não, transforme a verdade moral em verdade salvífica, voltando às condições que a tradição moral fixou para o uso da consciência. Dessa forma, pode-se entender a consciência como *regula formalis*²⁹, onde se referencia a sacralidade das decisões da pessoa diante das questões que se põem a ela.

Num outro momento, o teólogo Bernhard Häring, grande intérprete de Santo Afonso, assume um papel importante no período entres os séculos XIX e XX. Sob a influência da Escola de Tubinga, assume a tarefa de dar prosseguimento ao movimento de renovação do método teológico-moral e da consciência, com participação decisiva nas futuras discussões das sessões conciliares. A sua obra “A Lei de Cristo” é considerada por alguns autores (Josef Fuchs, Charles Curran, Marciano Vidal, James F. Keenan) como a principal fonte de transformação de consciência da Igreja católica do século XX³⁰. Para ele, a consciência não é uma instância onde apenas se assume as normas a serem aplicadas, mas a própria pessoa é chamada a viver a vida nova em Cristo no novo contexto da renovação e diálogo como mundo moderno³¹.

No contexto da renovação dos estudos teológicos, o Concílio Vaticano II, traz consigo as marcas desse processo de *aggiornamento* da Igreja nos tempos atuais. A consciência “expressão do ser pessoal” recebe a nova abordagem do movimento de renovação do método teológico-moral. Com uma perspectiva mais teológica e cristocêntrica, no contexto do personalismo a consciência é concebida na conjuntura da dignidade da pessoa humana, vocacionada a Cristo³². Portanto, a teologia da consciência, na visão cristã coloca-se numa perspectiva da pessoa aberta à graça, mas dentro de uma experiência humana no contexto do mundo.

A consciência, no Vaticano II, é compreendida como o “núcleo mais secreto e o sacrário do homem, no qual se encontra a sós com Deus,

Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, p. 111. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp039415.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

²⁹ Cf. VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 575.

³⁰ Cf. KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 116.

³¹ Cf. VIDAL, 2003, p. 448.

³² Cf. FUCHS, J. *Le renouveau de la théologie morale selon Vatican II*. Tournai: Desclée, 1968. p. 72.



cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser”³³. É pela consciência que se pode tomar as decisões e dialogar com os outros homens, rumo à busca de soluções para as grandes questões de convivência humana e também exaltar valores que os unam pela paz. Esta impostação que emergiu no Concílio não é refúgio em um tipo de consciência fechada, mas em estreita comunhão de pessoas com Deus e com os dramas humanos³⁴. A partir do Concílio a Igreja continua desdobrando uma nova forma de aprofundar o diálogo com os povos e as culturas, condenando todo tipo de referência a impedir que a dignidade da pessoa seja vilipendiada.

Do ponto de vista da moral social, o tema da consciência se enriqueceu pelo fato de que a pessoa não é mais vista como um centro de decisões isolado do mundo, mas totalmente imerso em meio às adversidades e pluralidades. No Concílio brotou uma perspectiva moral que pelo seu método de discernimento e diálogo com o mundo, a partir dos fundamentos antropológicos, se acolhe as grandes questões do tempo em uma atitude escuta sincera³⁵, enquanto uma bússola confiável para dialogar com os homens e mulheres de hoje.

Segue-se hoje os caminhos indicados no Vaticano II e que são retomados no pontificado de Francisco, através de uma cultura do encontro e do diálogo, proporcionando a cada sujeito a oportunidade de mergulhar no conteúdo que possui dentro de si, a sua própria consciência a ser formada e em abertura. Assim, a formação da consciência desses novos “sujeitos bolhas” cristãos exige, portanto, um caminho de retomada das grandes linhas que a tradição cristã desdobrou. Em Francisco, encontra-se sugestões para direcionar um processo de formação da consciência à luz de elementos que possam favorecer uma visão mais integral do agir cristão.

3 O desafio da formação da consciência dos novos “sujeitos bolhas”: contribuições da moral social do Papa Francisco

A recuperação da noção de sujeito como pivô não apenas da vida moral, mas também da vida social e política coincide com o reconheci-

³³ GAUDIUM ET SPES, 2001, n. 16.

³⁴ Cf. MAJORANO, S. *A consciência*. Uma visão cristã. Aparecida: Santuário, 2000. p. 111.

³⁵ Cf. THOMASSET, A. *La morale de Vatican II*. Paris: MédiasPaul, 2013. p. 140. (Collection Vatican II pour tous).



mento da consciência enquanto último critério de valoração da conduta pessoal e o baluarte diante de cada poder de afirmação de referências próprias³⁶. Uma questão marcante na atual cultura, impondo-se como um desafio civilizacional, é a redução do sujeito a indivíduo e suas consequências, tais como: a falência de sentido; a reincidência das ideologias e utopias; o triunfo do individualismo e, enfim, o aparecimento de novas tecnologias, engendrando um crescimento brutal dos poderes do homem, sujeito e objeto de suas próprias técnicas³⁷.

Diante do esfacelamento das ideologias e grandes narrativas totalizantes, o niilismo³⁸ se impôs como referência de construção da subjetividade e da consciência moderna e pós-moderna. Vivemos um contexto de perplexidade ética no contexto da civilização técnica³⁹. De um certo modo, essa situação exige uma coragem e sabedoria para refletir moralmente qual caminho viável rumo a uma saída diante da crise que corrói a estrutura racional ocidental, e por consequência, a base teológico-moral, filha dessa matriz reflexiva.

De um lado a cultura dos “sujeitos bolhas” se impõe como uma saída no contexto da crise de sentido (niilista). De outro, impõe-se a necessidade de aliar uma reflexão personalista, proveniente da tradição cristã que valoriza a consciência, sua formação e a responsabilidade livre do sujeito cristão, diante das decisões a serem tomadas. Trata-se de assimilar

³⁶ Cf. PIANA, G. La coscienza nell'attuale contesto culturale. In: *Credere Oggi* 22, 2/2002, n. 128, p. 6.

³⁷ Cf. RUSS, J. *Pensamento ético contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 10. (Coleção ética).

³⁸ A palavra “niilismo” vem do termo latim *nihil*, que significa “nada”, é uma doutrina filosófica que atinge as mais variadas esferas do mundo contemporâneo (literatura, arte, ciências humanas, teorias sociais, ética e moral) cuja principal característica é uma visão cética radical em relação às interpretações da realidade, que aniquila valores e convicções. O niilismo é uma espécie de desvalorização dos valores supremos. Trata-se, portanto, de uma filosofia, que apoiada ao ceticismo, é destituída de normas indo contra os ideais das escolas materialistas e positivas. O termo foi empregado por Nietzsche para designar o que considerou como o resultado da decadência europeia, a ruína dos valores tradicionais consagrados na civilização ocidental do século XIX. Caracteriza-se pela descrença em um futuro ou destino glorioso da civilização, opondo-se, portanto, à ideia de progresso, e pela afirmação da “morte de Deus” negando a crença em um absoluto, fundamento metafísico de todos os valores éticos, estéticos e sociais da tradição. O niilismo nietzschiano deve, no entanto, levar a novos valores que sejam afirmativos da vida, da vontade humana, superando os princípios metafísicos tradicionais com a moral do rebanho do cristianismo e situando-se para além do bem e do mal. Cf. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Zahar: Rio de Janeiro, 2001. p. 140.

³⁹ Cf. SILVA, F. L. Ética e razão. In: NOVAES, A. (org.). *A crise da razão*. Companhia das Letras: São Paulo, 1996. p. 352.



a ideia de complexidade no pensamento, em que se faz um esforço para conceber e refletir o desafio que o real lança à mente, ao invés de lançar um apressado juízo moral precedido por uma rigorosa análise objetiva⁴⁰.

O tema da consciência e a busca pelo discernimento tem ganhado nas últimas quatro décadas um destaque especial tanto em ambiente laico (civil) como também no religioso (eclesiástico). As grandes questões humanitárias em torno da origem e fim da vida, além do surgimento de novos comportamentos que afirmam ou questionam determinadas moralidades, como também a superação de uma eticidade baseada exclusivamente na normatividade, fomentam uma busca por autonomia e responsabilidade. Embora a cultura atual coloque o acento mais no sujeito livre e senhor de si mesmo movido pelo econômico, não podemos negar que é urgente hoje mais do que nunca, retornar a uma tradição de consciência que faça amadurecer de uma impostação narcísica a uma que priorize o outro, isto é, a alteridade. A relação intersubjetiva hoje se impõe como *conditio sine qua non* diante da avassaladora crise da civilização globalizada.

No atual pontificado de Francisco, pode-se encontrar linhas indicativas e formativas para a consciência, diante dos novos “sujeitos bolhas” cristãos, ao mesmo tempo vítimas e propagadores de ideias não só desfiguram a vida cristã, como também impede um processo humanizador da própria pessoa envolvida na tomada de decisões. No que tange à moral social, os documentos do Papa Francisco apresentam temas ou considerações que possam ampliar a formação da consciência. Pretende-se aqui, indicar quatro, presentes nos quatro principais dos próprios posicionamentos.

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, se aborda sobre “A dimensão social da evangelização”⁴¹. A formação da consciência aparece na constatação de que ninguém pode “exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos”⁴². Francisco tem plena consciência de que há desafios a serem levados em consideração como exigências da fé no

⁴⁰ Cf. MORIN, E. *Ciência com consciência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 176.

⁴¹ PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013. n. 176-258.

⁴² PAPA FRANCISCO, 2013, n. 183.



diálogo com a sociedade, enquanto superação de uma mentalidade de “sujeitos bolhas”. Ele pede que se leve em consideração alguns elementos para uma visão mais expandida de moral social e para que a consciência se alargue de forma empenhativa; são: as repercussões comunitárias e sociais do querigma⁴³; a inclusão social dos pobres⁴⁴; a busca pelo bem comum e a paz social⁴⁵, e, o diálogo social como contribuição para a paz⁴⁶.

Na carta encíclica *Laudato Si'*, em que se trata sobre o cuidado com a criação e a casa comum, o Papa, nos capítulos “Algumas linhas de orientação e ação” e, “Educação e espiritualidade ecológicas”, sugere um caminho de formação da consciência, à luz de critérios norteadores da moral social, no atual contexto de novos “sujeitos bolhas”. O diálogo é a chave de leitura do seu pontificado diante de um mundo em constante mutação. Não se pode permanecer isolado nos próprios juízos (nas próprias bolhas), diante de uma tendenciosa destruição internacional do meio ambiente⁴⁷. Para Francisco, é substancial a interlocução “entre as próprias ciências, porque cada uma costuma fechar-se nos limites de sua própria linguagem, e a especialização tende a converter-se em isolamento e absolutização do próprio saber”⁴⁸. Esta percepção deve vir acompanhada de um desejo profundo de “conscientização”⁴⁹ educativa e para a cidadania ecológica⁵⁰.

Na exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, fala-se sobre o tema do discernimento da consciência no contexto das situações matrimoniais especiais⁵¹. No capítulo “Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”, Francisco apresenta um projeto de formação da consciência a partir da situação e realidade concreta da pessoa. Para ele, um verdadeiro discernimento dá-se a partir da condição real. Seguindo a perspectiva de Santo Tomás, na qual os princípios gerais apresentam o caráter necessário, ele está consciente de que é nos casos particulares

⁴³ Cf. PAPA FRANCISCO, 2013, n. 177-185.

⁴⁴ Cf. PAPA FRANCISCO, 2013, n. 186-216.

⁴⁵ Cf. PAPA FRANCISCO, 2013, n. 217-237.

⁴⁶ Cf. PAPA FRANCISCO, 2013, n. 238-258.

⁴⁷ Cf. PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*, *Louvado sejam*, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2015. n. 164-246.

⁴⁸ PAPA FRANCISCO, 2015, n. 201.

⁴⁹ PAPA FRANCISCO, 2015, n. 210.

⁵⁰ Cf. PAPA FRANCISCO, 2015, n. 211.

⁵¹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*, sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016. n. 291-312.



que aumenta a indeterminação e assim, exigindo-se uma atitude de prudente discernimento⁵². A consciência se forma à medida que se faz discernimento e se busca encontrar os caminhos possíveis e criativos de resposta a Deus e de crescimento interpessoais⁵³. É nesse sentido que o exercício de formar a consciência vem acompanhado pelo primado da caridade, onde o limite é Deus mesmo⁵⁴. Para Francisco, portanto, forma-se a consciência a partir da pluralidade de possibilidades, tendo que escolher o caminho mais viável diante da situação concreta.

Na carta encíclica *Fratelli Tutti*, trata-se de um tema muito valioso para a moral social: a fraternidade e a amizade social. Francisco tem consciência que o futuro da humanidade depende da capacidade de abertura e diálogo no contexto da globalização. Não deixa de exprimir a ideia de que no mundo atual há inúmeros desafios que podem gerar um fechamento, tal como a ilusão de que todos se comunicam⁵⁵, isto é, de que basta estar no mundo digital para cultivar uma amizade cristã. Para ele, as relações digitais têm aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um “nós”; dissimulam e ampliam o mesmo individualismo que se manifesta na xenofobia e no desprezo às pessoas mais fragilizadas⁵⁶. Segundo o Papa, é necessário, com certa urgência, promover o bem moral⁵⁷. Para isso é necessário o apego ao bem, a busca do mesmo (*bene-volentia*). Este esforço consciente se traduz numa busca constante pela amabilidade que é uma libertação da crueldade e do fechamento que penetra nas relações humanas⁵⁸, podendo gerar “sujeitos bolhas”.

Portanto, em meio aos desafios presentes na atual cultura de “sujeitos bolhas” cristãos, há uma certa necessidade de se remontar ao magistério social de Francisco, com a sua insistência no protagonismo de um processo educativo da consciência para os valores morais que humanizam a si e as relações. A cultura atual, ao mesmo tempo que apresenta desafios também cria possibilidades de diálogo ou pontes

⁵² Cf. PAPA FRANCISCO, 2016, n. 304.

⁵³ Cf. PAPA FRANCISCO, 2016, n. 305.

⁵⁴ Cf. PAPA FRANCISCO, 2016, n. 310-311.

⁵⁵ Cf. PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020, n. 42.

⁵⁶ Cf. PAPA FRANCISCO, 2020, n. 43.

⁵⁷ Cf. PAPA FRANCISCO, 2020, n. 112.

⁵⁸ Cf. PAPA FRANCISCO, 2020, n. 224.



para compreender e incluir o diferente. Esta é uma ideia constante no magistério social de Francisco em que se busca articular, mediante o diálogo, a busca por valores comuns que salvaguardam as relações entre todos.

Conclusão

O tema da consciência adquiriu na cultura contemporânea uma centralidade e afirma-se enquanto uma referência pela emancipação e o reconhecimento dos direitos individuais da pessoa. Se na modernidade a noção de progresso e o domínio da natureza humana se tornaram uma dimensão revolucionário de um processo sem volta, a consciência humana acompanhou esse itinerário. Tratar hoje acerca da formação da consciência é apresentar uma veia humanista que possa dar um horizonte de sentido à complexa vida humana. Atualmente, um dos desafios que afeta o processo humano é a noção de “sujeitos bolhas”, isto é, pessoas fechadas e anestesiadas em sua capacidade de empatia, alteridade e relação social.

Do ponto de vista ético, é verdade que a cultura da indiferença e do individualismo se impôs com toda a sua força, gerando polarizações estéreis, radicalismos fanáticos, ódios inflamados, guerras sem sentido e muitos novos expectadores (“sujeitos bolhas”) dessa impactante condição. Ao mesmo tempo que nos sentimos mais próximos de todos, pelo rápido avanço tecnológico, também precisamos reaprender a nos formarmos para relações reais, duráveis e autênticas. O cristianismo caracteriza-se, por excelência, como um encontro profundo entre Deus, por meio do seu Filho – Jesus Cristo – e a humanidade frágil, pecadora e necessitada de conversão.

No contexto da tradição cristã sobre a consciência e a moral social, muitos esforços foram feitos com o intuito de buscar compreender a dimensão da encarnação cristã nos vários contextos culturais. A partir do Concílio Vaticano II, e com o desenvolvimento técnico-científico, que tão profundamente marca a nossa realidade, torna sempre mais claro que, no bem ou no mal, o futuro depende de nossa capacidade e vontade de fazer escolhas válidas e conscientes. Há uma elasticidade de possibilidades hoje no campo intersubjetivo. Há quem cultive uma visão de retorno ao objetivismo jurídico; no outro oposto, não faltam quem se posicione em torno de um subjetivismo individualista. Com maestria, a



tradição cristã sobre a consciência ofereceu sempre luzes que articulem essas polarizações, à luz dos valores que brotam do Evangelho.

Deste modo, em meio à disseminação de “sujeitos bolhas” cristãos, encontra-se no magistério social do Papa Francisco referências formativas e indicativas para se superar essas referências de radicalizações hodiernas. Portanto, urge hoje educar as consciências contra todo tipo de autorreferencialidade, narcisismo, anestesiamento do empenho em buscar a verdade moral nas convivências. Assim, no ensino social eclesial encontra-se uma nova profecia de um mundo aberto ao diálogo e protagonista da aproximação, superando os excessos e limites.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Consciência moral e pós-modernidade: discernir, decidir e agir à luz de uma ética das virtudes*. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18391/1/Andre%20Luiz%20Boccato%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Da indiferença narcisista à consciência social: repondo a alteridade de base cristã numa era globalizada. In: MILLEN, Maria I. C.; ZACHARIAS, Ronaldo. *Ética teológica e direitos humanos*. Aparecida: Santuário, 2018. p. 57-77.

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Moral Social*. Petrópolis: Vozes, 2021.

ARAÚJO, José William Corrêa de. *A noção de consciência em Bernhard Häring e sua contribuição a atual crise de valores*. Orientador Nilo Agostini. 2007. 365 f. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação, Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp039415.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

BAUMAN, Z. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.

CAPPI, J. *Internet, Big Data e discurso de ódio: reflexões sobre as dinâmicas de interação no Twitter e os novos ambientes de debate político*,



2017. Dissertação (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20644>. Acesso em: 8 fev. 2021.
- FERRARI, Pollyana. *Como sair das bolhas*. São Paulo: EDUC, 2018.
- FUCHS, J. *Le renouveau de la théologie morale selon Vatican II*. Tournai: Desclée, 1968.
- GAUDIUM ET SPES. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Zahar: Rio de Janeiro, 2001.
- JOSAPHAT, Carlos. *Paradigmas teológicos de Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2012.
- KEENAN, James F. *História da Teologia Moral Católica no Século XX: das confissões dos pecados à libertação das consciências*. São Paulo: Loyola, 2013.
- MAJORANO, S. *A consciência. Uma visão cristã*. Aparecida: Santuário, 2000.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MONDIN, B. Coscienza (morale). In: MONDIN, B. *Dizionario Enciclopedico del pensiero di San Tommaso D'Aquino*. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 1991. p. 145-147.
- OPTATAM TOTIUS. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 2001.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si', Louvado sejas*, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2015.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*, sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.



PIANA, G. La coscienza nell'attuale contesto culturale. In: *Credere Oggi* 22, 2/2002, n. 128, p. 5-14.

RICOEUR, P. *O conflito das interpretações*: ensaios de hermenêutica. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1978.

RUSS, J. *Pensamento ético contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção ética).

SILVA, F. L. Ética e razão. In: NOVAES, A. (org.). *A crise da razão*. Companhia das Letras: São Paulo, 1996. p. 351-365.

SINISCALCO, P. Consciência (liberdade de). In: BERARDINO, Angelo di (org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 325.

THOMASSET, A. *La morale de Vatican II*. Paris: MédiasPaul, 2013. (Collection Vatican II pour tous).

VALSECCHI, A. Consciência. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 137-151.

VERDES, L. A. Moral do indicativo em Paulo. In: VIDAL, Marciano (org.). *Ética Teológica*. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 79-92.

VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. São Paulo: Paulinas, 2003.

WENDLAND, H.-D. *Ethique du Nouveau Testament*. Introduction aux problèmes. Genève: Labor et Fides, 1972.